

Sarney, nos EUA, quer

Economia

Jornal de Brasília

dinheiro do desarmamento

Fisicamente disposto e politicamente bem mais seguro, depois de conseguir uma maioria de sustentação parlamentar no Congresso e um encaminha mento mais ordenado para a economia, o presidente José Sarney embraca hoje, pela manhã, para Nova Iorque, nos Estados Unidos, onde vai defender na III Sessão Especial da Organização das Nações Unidas (ONU), dedicada ao desarmamento, a transferência de parte dos investimentos em armamentos dos países industrializados na recuperação pacífica das economias dos países menos favorecidos.

O presidente brasileiro, que terá encontros reservados com alguns chefes de estado e será homenageado numa sessão do Grupo de Países Latino-americanos e do Caribe, vai pedir ainda, na conferência sobre o desarmamento, que os países não-produtores de armas tenham também voz e voto sobre a questão, quando tratada a nível de relações internacionais, porque, segundo Sarney, eles são, direta ou indiretamente, afetados por toda negociação que envolve a questão bélica no mundo. Recomendará também a manutenção de zonas desnuclearizadas no mundo

Conferência

A fala de Sarney na conferência está prevista para terça-feira, às 10h30. Até lá, ele receberá, no próprio Hotel Intercontinental, onde se hospedará com uma comitiva de 20 pessoas, o presidente da República do Paraguai, Alfredo Strossner, o vice-presidente de Cuba, Carlos Rafael Rodriguez, o primeiro-ministro de Israel Itzhak Shamir, e o presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Enrique Iglesias.

Na sede da ONU, depois de

recebido pelo secretário-geral, Javier Perez de Cuellar, e de uma visita ao presidente da organização, Peter Florin, Sarney terá encontros ainda com os presidentes da Colômbia, Virgilio Barco, do México, Miguel de la Madrid Hurtado, do Afeganistão, Muhamed Najibullah, e de Chipre, George Vassiliou.

O teor dessas conversas não é ainda conhecido, mas, no caso do primeiro-ministro de Israel, a entrevista teria a ver com uma visita programada por Itzhak Shamir ao Brasil este ano e que teria sido adiada, após aconselhamentos diplomáticos. Os países árabes, grandes parceiros comerciais do Brasil, não vêem com simpatia uma relação de maior intimidade entre os brasileiros e israelenses.

Conversa reservada

Alfredo Strossner, praticamente isolado juntamente com o general Augusto Pinochet, do Chile, da convivência atual entre chefes de estado na América Latina, vai conseguir, depois de muita insistência, em território neutro, encontro oficial com o presidente brasileiro para uma conversa mais reservada sobre problemas que afetam os dois países. Um dos pontos-chaves dessa audiência seria a questão do contrabando de automóveis, café e soja para o Paraguai.

Com Miguel de La Madrid, do México, Virgilio Barco, da Colômbia, com quem Sarney tem se encontrado mais amiúde, deve prevalecer na conversa uma troca de informações sobre questões políticas internas e o aprofundamento da formação do mercado comum latino-americano. Já com o vice-presidente de Cuba é imprevisível. Aventou-se, entretanto, a possibilidade de um acerto final

para a vinda do presidente Fidel Castro ao Brasil.

Sarney vai receber o presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento, Enrique Iglesias. O Brasil não está apenas precisando da ajuda do banco, como a recíproca é também verdadeira. O BID está atravessando um momento difícil em seu caixa, mas só pode reforçá-lo com o apoio dos Estados Unidos. Este, por sua vez, promete dobrar o capital do banco, injetando três bilhões de dólares na instituição, mas deseja ter sobre ela o controle acionário e político. O Brasil recusou-se, até agora, a apoiar a pretensão norte-americana.

Encontros

O presidente brasileiro poderá ter encontros — não previstos, pelo menos oficialmente — com dirigentes de instituições financeiras ou empresários norte-americanos, mas o Palácio evitou confirmar qualquer dessas audiências.

Levantou-se, finalmente, a possibilidade de Sarney encontrar-se com o presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, em Washington. Os entendimentos foram interrompidos, não se sabe bem a razão, mas, segundo fontes diplomáticas, pelo fato de que a iniciativa de uma reunião entre os dois caberia agora ao presidente norte-americano.

A comitiva do presidente Sarney aos Estados Unidos é integrada apenas por dois ministros de Estado, o chefe do Gabinete Militar, Gen. Rubens Bayma Denys, e o das Relações Exteriores, Abreu Sodré, que já se encontra em Nova Iorque. Participam ainda da comitiva o senador Roberto Campos, que viaja pela primeira vez com Sarney, e mais oito deputados.

Presidente assume a economia

Aylé-Salassié

Ao contrário dos anos passados, quando os presidentes da República abriam espaços para o brilho particular das estrelas dos ministros Roberto Campos, Delfim Netto e Mário Henrique Simonsen no gerenciamento da economia, hoje o cacique da economia chama-se José Sarney.

Quem reconhece isto é um assessor direto do Presidente da República, mostrando que depois da experiência vivida por Sarney com quatro ministros da Fazenda, três do Planejamento e diversos assessores econômicos, Sarney preferiu assumir pessoalmente a responsabilidade pela definição e administração da política econômica.

Durante quase toda a sua vida voltado para a retórica da política ou para a estética da linguagem literária, com alguns incursões na pintura, Sarney decidiu surpreendentemente voltar-se para a economia. Faz ainda algumas confusões com números e cálculos, mas que não chegam a comprometer. Para isso, os ministros Mailson da Nóbrega, da Fazenda, João Batista Abreu, do Planejamento, e o próprio secretário particular, Jorge Murad, estão atentos.

A exceção do ex-ministro do Planejamento João Sayad, Sarney tem sofrido grandes decepções na convivência com seus ex-ministros da Fazenda e do Planejamento. Não menos com os assessores econômicos que o PMDB e o PFL colocaram à sua disposição. Hoje, o Presidente

confia, desconfiando ao mesmo tempo, e por motivos variados, de todos os conselhos e conselheiros, observa o assessor palaciano.

Sarney também não faz política econômica, mas economia política: até mesmo como uma forma de se proteger. Assim, restaurou o Conselho de Desenvolvimento Econômico, cujas reuniões são recheadas pela presença de lideranças políticas, alguns amigos particulares, do Chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI), general Ivan de Souza Mendes, e do Consultor Geral da República, Saulo Ramos.

Outra forma de proteção que o Presidente adotou é a consulta esporádica a alguns economistas a quem admira. Entre esses estão Mário Henrique Simonsen, João Sayad, Cláudio Macieira (irmão de D. Marly), Chico Lopes, Pérsio Arida, André Lara Resende e Miguel Ethel. Esses últimos têm, entretanto, sempre a intermediação do genro, secretário particular e administrador de empresas Jorge Murad, em quem Sarney confia sem restrições.

Saulo Ramos é outro sempre consultado pelo Presidente para decifrar os códigos políticos e econômicos contidos nas propostas que lhe chegam às mãos. Sarney usa também com frequência o ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, economista, e com experiência na área do Planejamento. Na área de comércio exterior seu principal conselheiro é o secretário-geral do Itamaraty,

embaixador Paulo Tarso Flexa de Lima.

Outra assessoria que o Presidente não dispensa na área econômica é a dos empresários. Uma conversa com um empresário experiente, observa o assessor presidencial, é como uma aula para Sarney. Predomina, entretanto, no final o bom-senso, a critério seu, e uma certa manhã, usada maliciosamente contra aqueles que tentam desmoralizar o Governo. É o caso do presidente da Autolatina, Wolfgang Sauer, cuja empresa está hoje indiretamente ameaçada pelas facilidades que a nova política industrial — na cabeça de Sarney há algum tempo — abriu para outras indústrias automobilísticas se instalarem no País.

Na área das empresas do Governo, o Presidente se consulta, quase que semanalmente com os presidentes da Petrobrás, Cel Ozires Silva, e do BNDES, Márcio Fortes.

Esse comportamento do Presidente não obscurece a influência do ministro Mailson da Nóbrega. Quem decide é o Presidente, mas quem executa é o Ministro da Fazenda, que continua gozando da prerrogativa e da responsabilidade de propor e estudar as medidas econômicas, com as quais o Presidente vier a concordar. O ministro do Planejamento, João Batista Abreu, caminha também por essa mesma trilha, com uma pequena diferença: faz com Mailson uma dobradinha que agrada muito ao Presidente.